

EUA são contra nova meta para emissão de gases

Proposta de reduzir nível de poluição em 10% até o ano 2010 é considerada "irreal"; representante americana na reunião da ONU Kathleen McGinty critica os que ficam recitando números sem respaldo em uma política realista

MOISÉS RABINOVICI
Enviado especial

NOVA YORK — Verde é a cor do dólar para a Casa Branca, e não só o futuro da Terra pintado por discursos na ONU avaliando os cinco anos da Rio-92. Quando discursar amanhã, o presidente Bill Clinton vai reafirmar o valor dos compromissos ambientais assumidos pelo maior poluidor do mundo, os Estados Unidos, mas continuará resistindo à imposição de limites e datas para um retorno aos níveis de poluição mais saudáveis de 1990, como querem a Europa e o mundo em desenvolvimento.

A proposta de reduzir em 10%, até 2010, os níveis de poluição medidos há oito anos, circulando na ONU, foi considerada "irreal" pela presidente do Conselho de Qualidade Ambiental da Casa Branca, Kathleen McGinty. "Legal ficar recitando números, mas, para nós, importante é que eles venham respaldados por uma política clara e realista para alcançar as metas fixadas", explicou.

O atual boom econômico dos Estados Unidos é dependente da emissão de gases que provocam o efeito estufa. Embora o vice-presidente americano, Al Gore, seja "ambientalista" e tenha admitido, no seu discurso na ONU, que um desastre paira sobre a Terra, "se nada for feito", a Casa Branca capitulou à possante indústria

nacional, que equiparou o Espírito da Rio-92 a uma "política para a bancarrota".

Trégua — Ao presidente Clinton foi pedida uma trégua até a reunião de Kyoto, no Japão, em dezembro. E ele a concedeu, enfrentando a impaciência dos europeus, tanto na reunião dos países industrializados e a Rússia em Denver, no Colorado, na semana passada, quanto na ONU, em Nova York, nesta semana.

O vice-presidente Al Gore prometeu esforçar-se para alcançar um consenso que dê aos governos mundiais a flexibilidade para que decidam como poderão reduzir seus níveis de poluição. Um balão de ensaio lançado na ONU abre a possibilidade para que um país poluidor limpe a cota que lhe cabe, num outro país.

Em seu vôo, provoca mais risos do que disposição de aprofundá-lo com seriedade. A Casa Branca tem outro poderoso adversário além da indústria: o Senado, decidido a não ratificar um tratado internacional sobre

aquecimento global sem a participação da China.

O Canadá foi sincero e claro: admitiu com franqueza, ontem, que não será capaz de cumprir metas de redução de gases poluentes fixadas para 2000. O primeiro-ministro canadense, Jean Chretien, explicou que depende de carvão para geração de energia elétrica. E lamentou: "A estrutura de nossa economia impõe particulares desafios nesse sentido."

Mas Chretien não se sente sozinho. Ele avisou que muitos outros países industrializados não conseguirão reduzir o despejo de dióxido de carbono na atmosfera. Foi só uma constatação que não acarretará nenhum tipo de punição, não prevista pelo Espírito do Rio.

Caetano — O presidente francês Jacques Chirac devotou o seu discurso ao esgotamento das fontes de água potável, preocupação parcial de vários outros chefes de estado. Pesquisas francesas demonstram que o consumo de água dobra a cada

20 anos. E a Organização Mundial de Saúde acusa a poluição da água de matar 25 milhões de pessoas por ano. A França lançou o convite para que o mundo se reúna em Paris, no ano que vem, para a tomada de medidas urgentes.

Os diplomatas de 173 países que participam do balanço de cinco anos da Rio-92 debruçavam-se ontem sobre um

problema inesperado: o futuro parece "pior" ou "não muito melhor?" O impasse paralisou a comissão que está escrevendo a declaração final da Cúpula da Terra. Alguns parágrafos já foram vencidos. Tratam de reafirmar os compromissos assumidos no Rio, a necessidade "mais urgente agora do que nunca" de adotar a Agenda 21 e de partir de "palavras para fatos".

O Espírito do Rio não foi revigorado nem pelo show de Caetano Veloso no Lincoln Center. A platéia chegou a gritar "português, português" para que ele parasse de cantar em espanhol as músicas de seu CD *Fina Estampa*. E ele fez algumas poucas concessões para uma comunidade saudosa do Brasil. Os militantes verdes não apareceram para as prometidas manifestações diante da ONU. Mas a polícia também não lhes deixou espaço algum. Toda a "plaza" das antigas manifestações ficou cercada de barreiras e só se abriu, relutantemente, para jornalistas credenciados.



O primeiro-ministro norueguês Thorbjørn Jagland (esq.) com Fernando Henrique: para o presidente brasileiro, País avançou



**DESASTRE
PAIRA SOBRE A
TERRA, DIZ
AL GORE**